Iota Unum

Orlando Fedeli

O volumoso, denso e profundo livro *Iota Unum* - o título alude à frase do Nosso Senhor *"nem um jota da lei será tirado"* (Cfr. Mt. 5,18) de Romano Amerio (Ricardo Ricciardo Ed., Milano, 1985) será certamente considerado um marco na historiografia religiosa de nosso tempo. A obra é um estudo completo da situação da Igreja no século do Concílio Vaticano II.

Consideramos de grande valor sua análise das variações sofridas pela Igreja sob o influxo do Concílio, embora não aceitemos algumas de suas concepções. Por exemplo, discordamos absolutamente da afirmação de que é aceitável um "socialismo cristão" (p. 237). Pio XI na Quadragésimo Anno ensinou que catolicismo e socialismo são termos contraditórios e que é impossível conciliar a doutrina católica até mesmo com um socialismo mitigado.

Entretanto, o autor faz uma análise muito séria das mudanças da Igreja, fundando-se em documentos e manifestações de membros da Hierarquia. O resultado é impressionante.

A obra mostra como o que foi preconizado por certos pensadores e teólogos - como Teilhard de Chardin - isto é, a gênese de uma nova Igreja, foi realizado pelo Concílio Vaticano II e, especialmente, pelo pós-Concílio.

Com efeito, o famoso antropólogo jesuíta, cujas obras haviam sido censuradas por um Monutum do Santo Ofício, escreveu em seu diário:

"Eu penso que o grande fato religioso atual é o despertar de uma Religião Nova que, pouco a pouco, faz adorar o Mundo e que é indispensável para a humanidade para que ela continue a trabalhar. É portanto capital que nós mostremos o cristianismo como capaz de divinizar o esforço (nisus) e a obra (opus) naturais humanos" (Journal,. p.220 apud op.cit.,p.63).

Nessa mesma linha, Mons. Schmitt, Bispo de Metas, declarava antes do Concílio: "A situação da civilização que nós vivemos arrasta a mudanças não só em nosso comportamento exterior, mas também na própria concepção que fazemos da criação e da salvação trazida por Jesus Cristo" (p. 62)

Aliás, o próprio Paulo VI, quando ainda Cardeal de Milão, entrava nesse mesmo coro, embora de modo mais diplomático e ambíguo:

"O Concílio deve indicar a linha do relativismo cristão até onde a religião católica deve ser férrea guardiã de valores absolutos e até onde pode e deve se dobrar à aproximação e à conaturalidade da vida humana tal qual historicamente ela se apresenta" (p. 61).

Falar em relativismo cristão é introduzir uma fórmula que só pode minar a fé e diluir as resistências. Pior ainda, como bem nota o autor, é dizer que a Igreja pode e até deve se dobrar à conaturalidade da vida humana atual. Expressão dúbia que esquece ser missão da Igreja converter o homem, mostrando-lhe o que ele deve ser, e não aceitá-lo complacentemente como é. Renunciar a converter o homem é para a Igreja

Copyright © 1999-2014 - Associação Cultural Montfort - http://www.montfort.org.br/

renunciar a sua própria missão. (pp. 61-62).

Preparar uma nova Religião, divinizar o mundo, aceitar novas concepções da criação e da salvação, tornar-se conatural ao homem de hoje são fórmulas que descrevem bem o que ocorreu no Concílio Vaticano II e no pós- Concílio.

Paulo VI mesmo, comentando o que foi o Vaticano II, disse:
"As palavras importantes do Concílio são novidade e 'aggiornamento' (...) A palavra novidade nos foi dada como uma ordem, como um programa" (p.98, grifo do autor).

Quem deu a palavra novidade, tão contrária ao espírito e à doutrina católica, como uma ordem para a Igreja? Quem deu esse programa?

Que essa "palavra de ordem" foi obedecida não há dúvida alguma.

Mons. Pogge, arcebispo de Avignon, "diz com todas as letras que a Igreja do Vaticano II é nova e que o Espírito Santo não cessa de tirá-la da estaticidade. A novidade consiste, segundo o bispo, em uma nova definição de si mesma, isto é, na descoberta de sua nova essência, e a nova essência consiste no ' ter recomeçado a amar o mundo, a abrir-se para ele, a fazer-se diálogo' " (p. 100).

Nada mais claro. É uma Igreja nova que tem nova essência. Não é mais a Igreja do Deus que é "Aquele que é". É a Igreja do "Vir-a-ser".

Enquanto se dá assim um atestado de nascimento à Nova Igreja, Paulo VI reconhece que a Igreja verdadeira - a Igreja de sempre - vem sendo demolida por aqueles que deviam mantê-la e defendê-la.

"A Igreja se acha numa hora inquieta, de autocrítica, dir-se-ía melhor, de autodemolição. É como uma reviravolta aguda e complexa que ninguém teria esperado depois do Concílio. A Igreja como que golpeia a si mesma".

Reviravolta, autodemolição, autogolpear-se. São palavras gravíssimas com que Paulo VI constata o processo de destruição da Igreja.

"Também na Igreja" - é ainda Paulo VI quem fala - "reina este estado de incerteza". Acreditava-se que depois do Concílio viria um dia de sol para a história da Igreja. Veio, em vez disso, um dia de nuvens, de tempestade, de escuridão. (...) Por algum lugar, a fumaça de Satanás entrou no templo de Deus" (p.8).

Por onde? Não teria sido exatamente pelo ponto em que se fez alguma maldita abertura? E não é mais do que conveniente, não é imperioso fechá-la?

Dirão alguns que culpados são aqueles que interpretam o Concílio do modo progressista, ou seja, modernista. Mas também isso foi programado, segundo o P. Schillebeecks, um dos maiores responsáveis pela introdução da fumaça de Satanás na Igreja:

"Nós o exprimimos de modo diplomático, mas após o Concílio nós tiraremos as conclusões" (p. 93).

Os textos do Concílio permitem tantas "leituras" diferentes que só se pode concluir que o Vaticano II não utilizou o modo de falar recomendado por Cristo: "Que o vosso falar sim, sim, não, não. Tudo o que passar disso vem do maligno" (Mt. 5,57).

Uma das manifestações mais agudas da fumaça de Satanás na Igreja é a Teologia da Libertação. E não é por acaso que ela afirma:

"Assiste-se, um pouco por toda a parte, ao surgimento de uma Igreja Nova, gestada no coração da velha (.....)

O Evangelho não está amarrado a um tipo clássico e consagrado de articulação, herdado de um passado institucionalmente glorioso".

"Uma Igreja nova está nascendo, nos porões da humanidade"(Igreja, carisma e poder , pp. 106 e 109).

São palavras inequívocas de Frei Leonardo Boff, noticiando o surgimento de uma nova religião.

A obra de R. Amerio é tão rica em documentos e profundidade de análise que nos obrigará a voltar ao tema. Nós o faremos oportunamente.

Para citar este texto:

Fedeli, Orlando - *"**Iota Unum**"*
MONTFORT Associação Cultural
http://www.montfort.org.br/index.php?secao=veritas&subsecao=igreja&artigo=iotaunum
Online, 12/05/2014 às 07:19h